

Novos rumos da interdisciplinaridade

Maria Lucia Maciel e Sarita Albagli

Os caminhos para a expansão do conhecimento passam, no mundo atual, pela interdisciplinaridade.

Esta afirmação, que talvez pareça um pouco peremptória, não reflete simplesmente uma retórica voluntarista do mundo acadêmico ou a moda intelectual do momento, mas é a constatação de mudanças que se vêm impondo à prática da pesquisa assim como às diversas formas de aplicação do conhecimento. Na verdade, um relativo resgate, moldado sob novas questões da contemporaneidade, de uma acepção de conhecimento que feneceu desde a partição da ciência em disciplinas relativamente estanques, a partir do século XIX, como parte mesmo dos processos de institucionalização da(s) ciência(s) e de profissionalização do “fazer ciência”.

Quando se relembra a Renascença, sempre com especial destaque para a explosão criativa florentina, é rara a menção à produção do conhecimento que hoje chamamos especificamente técnico e científico. No entanto, esse saber também florescia, e não só nas oficinas de Leonardo da Vinci, engenheiro, cientista e artista. O indivíduo renascentista conjugava as hoje chamadas humanidades, a ciência e a técnica (o saber e o saber fazer) numa mesma visão do mundo. A formação de Dante Alighieri, autor da Divina Comédia, por exemplo, incluiu filosofia, teologia, astrologia, aritmética, geometria e história... E seriam impensáveis a arte e a literatura renascentista sem o desenvolvimento da anatomia, da botânica, da ciência ótica e das leis da perspectiva, da filosofia e da engenharia desenvolvidas àquela época.

Hoje, apesar de dificuldades reais na transposição de fronteiras e formações disciplinares já consolidadas - e apesar de obstáculos institucionais (ainda) existentes -, observam-se esforços de trilhar esses caminhos em diferentes níveis, em várias instâncias.

No plano do discurso de pesquisadores, agentes institucionais e financiadores, é há algum tempo evidente o destaque dado ao esforço interdisciplinar. O já clássico livro de Gibbons et al. (1994) sobre o “novo modo de produção do conhecimento” colocou definitivamente a travessia de fronteiras na pauta das discussões sobre desenvolvimento científico para os tempos atuais.

Nas práticas de pesquisa, também, observam-se as tentativas de transfusão de abordagens, tanto nas fronteiras entre vizinhos (“antropologia política”, “sociologia econômica”...), quanto nos encontros entre áreas mais distantes, como é o caso da neurolinguística que reúne lingüistas, psicólogos e neurocientistas.¹ Vão aos poucos sendo esboçadas novas áreas disciplinares, tanto num caso como no outro. E há questões emergentes, que já nascem multi (e talvez inter) disciplinares, como é o caso dos estudos sobre meio ambiente.

Nas duas pontas do processo que envolve a produção-difusão do conhecimento, ainda persistem alguns obstáculos. Numa ponta, as agências de fomento e as instituições de ensino e pesquisa têm sido mais lentas na incorporação de novos mecanismos/arranjos institucionais que comportem os cruzamentos de disciplinas. Na outra, a hiper-especialização dos periódicos

¹Ver, por exemplo, o artigo de França (2005) prevendo que “[...] estabeleceremos pouco a pouco a interface entre as representações abstratas propostas pela teoria lingüística e os registros hemodinâmicos e elétricos da atividade cerebral”.

científicos tem dificultado a apresentação de resultados de trabalhos interdisciplinares. Embora estejam também surgindo publicações dedicadas a esses trabalhos (como esta que ora lançamos), ainda são minoritárias e em alguns casos enfrentam dificuldades de classificação e qualificação por parte (mais uma vez) das agências de fomento.

Consideramos que a compreensão daquilo que se convencionou chamar de Sociedade da Informação ou Sociedade do Conhecimento é uma daquelas áreas emergentes que já surgem incontornavelmente interdisciplinares. Não é por outra razão que inauguramos o *Liinc em revista* com um número inteiramente voltado aos caminhos interdisciplinares para se compreender a *informação* e o *conhecimento* no mundo atual.

Esta revista pretende ser um dos instrumentos do recém formado Laboratório Interdisciplinar sobre Informação e Conhecimento (<https://www.liinc.ufrj.br>), em seu objetivo de promover a reflexão crítica e o debate interdisciplinares sobre informação, conhecimento e desenvolvimento, ante as transformações no mundo contemporâneo.

Assim, esta edição procura abarcar os diversos planos da questão da interdisciplinaridade: as contribuições vão desde discussões sobre o que é a interdisciplinaridade até a apresentação de resultados de pesquisa que demonstram as práticas interdisciplinares de pesquisadores brasileiros, passando por uma apresentação de problemas e soluções institucionais verificados ao longo dos últimos anos.

Abrimos este número com uma instigante palestra/artigo de Olga Pombo reconstruindo os significados que compõem a palavra e a idéia de interdisciplinaridade. Lembra que o conhecimento já foi interdisciplinar – ou melhor, adisciplinar – e que a fragmentação em disciplinas e sub-disciplinas é um processo relativamente recente na história do conhecimento. Leonardo da Vinci não foi uma exceção no seu tempo, apenas era a mais brilhante das mentes adisciplinares da época.

Em seguida, Nélida Gonzalez chama atenção para a pluralidade e diversificação das especialidades e a fragilização das fronteiras entre as ciências e as não-ciências e entre disciplinas. Diante dessa realidade, propõe novas formas de pensar o conhecimento, argumentando que agora, a reflexão deveria se concentrar sobre a extensão e a qualidade dessas mudanças e o entendimento de sua significação na esfera social.

Marcel Bursztyń apresenta os caminhos e descaminhos da interdisciplinaridade nas instituições de ensino e pesquisa e desenvolve argumentos extremamente pertinentes e relevantes no momento em que se discute a Reforma Universitária no Brasil. Manteremos, nas nossas instituições, a compartimentalização do conhecimento? O autor propõe críticas e sugestões que alimentam e enriquecem a reflexão e o debate sobre os rumos que queremos dar às nossas universidades.

A incorporação de práticas de pesquisa interdisciplinares por pesquisadores no Brasil é demonstrada por Christiana Freitas e Fernanda Sobral, com resultados de levantamento feito na Plataforma Lattes do CNPq e em documentos das agências financiadoras. Nossos cientistas são mais inovadores do que usualmente se pensa, e as agências já fazem algum esforço no sentido de acomodar as aventuras trans-fronteiriças da pesquisa.

Esperamos, com esta primeira edição, animar o debate sobre essas questões e atrair nossos leitores a discutir, escrever e participar conosco dessa aventura.